

# VOZES DO REASSENTAMENTO FLOR DA SERRA: MEMÓRIA, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

## VOICES OF FLOR DA SERRA RESETTLEMENT: MEMORY, IDENTITY AND BELONGING

**Maria de Fátima Rocha Medina 1**

**Marinalva do Rego Barros Silva 2**

**Leila Dias Pereira do Amaral 3**

**Liliane Scarpin da Silva Storniolo 4**

**Albetania Pessoa de Sousa 5**

**Resumo:** Este trabalho da área de poéticas orais foca narrativas de moradores do reassentamento Flor da Serra. Eles foram deslocados de vários lugares do estado devido à usina hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães, no rio Tocantins. O objetivo foi investigar narrativas e/ou outras referências culturais tradicionais que moradores do reassentamento Flor da Serra praticavam antes do deslocamento compulsório e as recordações que eles têm do processo de formação do grupo social no novo espaço. De caráter qualitativo, teve como abordagem a combinação história de vida, observação na vida real e entrevistas semiestruturadas. Foram registradas narrativas de intérpretes (moradores) adultos e idosos que aceitaram participar do projeto depois de assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As coletas de dados foram realizadas no local com a utilização de gravadores de celulares, além de anotações em caderno de campo. Após coleta, os áudios passaram por transcrição/transposição da oralidade para a escrita. Moradores do Flor da Serra expressaram aspectos comuns, como a avaliação positiva em relação à terra de origem. Sobre o início do reassentamento, a maioria lamentou falta de água e terra improdutiva e ainda revelaram saudade em relação às pessoas que permaneceram ou foram deslocados para outros lugares. Também demonstraram alegria pela revitalização de algumas festas religiosas e novas práticas laborais no Flor da Serra.

**Palavras-chave:** Reassentamento Flor da Serra. Recordações. Narrativas. Práticas Culturais.

**Abstract:** This work in the area of Oral Poetics focuses on narratives by residents of the Flor da Serra resettlement. They were displaced from various parts of the state because of the Luís Eduardo Magalhães hydroelectric on the Tocantins River. The objective was to investigate narratives and/or other traditional cultural references that residents of the Flor da Serra resettlement practiced before the compulsory displacement and the memories they have of the process of formation of the social group at the new space. Qualitatively, had approach a combination of story life, real-life observation and semi-structured interviews. The narratives of adult and elderly interpreters (residents), who agreed to participate in the project after signing the Free and Informed Consent Term (FICT), were registered. The data gathering procedure was carried out on site with the use of cell phone recorders, in addition to notes in a field notebook. After the data gathering, the audios were transcribed/transposed from orality to writing. Residents of Flor da Serra expressed common aspects, such as a positive assessment in relation to the land of origin. When talking about the beginning of the resettlement, most lamented the lack of water and unproductive land; the lessons learned around the creation of the association; and they also revealed homesickness for people who stayed or were moved to other places.

**Keywords:** Flor da Serra Resettlement. Remembrance. Narratives. Cultural Practices.

- 1** Doutora em Letras (Unileón/UFPE). Mestra em Tecnologia da Educação (USAL/UFPE). Graduada em Letras (UESB). Atualmente é professora da Unitins e atua na Proex. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1294258849923019>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6858-272X>.
- 2** Doutora em Artes (UNESP). Mestra em Educação (UnB) e Graduada em História. Atualmente é professora da Unitins no Curso de Serviço Social e atua na PROEX. Lattes: 7518393119037153. E-mail: [marinalva.rb@unitins.br](mailto:marinalva.rb@unitins.br).
- 3** Doutora em Sociologia (UnB). Pós-Doutora em Estudos Culturais (UBI/Portugal). Mestra em Sociologia (UFG). Graduada em Ciências Sociais (UFG). Atualmente é professora da Unitins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0259639207782415>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5250-7562>. E-mail: [leila.dp@unitins.br](mailto:leila.dp@unitins.br).
- 4** Doutora em Arte Educação (Unesp). Mestra em Comunicação Social. Graduada em Letras e Pedagogia. Atualmente é Diretora da Editora Unitins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6709515414849559>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8865-8453>. E-mail: [liliane.ss@unitins.br](mailto:liliane.ss@unitins.br).
- 5** Mestra em Letras (UFT) e Graduada em Letras (Ulbra). Atualmente é servidora pública do Quadro Geral do Estado do Tocantins. Lattes: 2424906710680375. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2663-3776>. E-mail: [aps.albetania@gmail.com](mailto:aps.albetania@gmail.com).

## Introdução

*A água tomou conta do mundo todo. Aí, agora, tem que viver no Cerrado feito seriema. (Domingos Francisco Soares, 29/04/18).*

Na obra *Introdução à Poética Oral (2010)*, Paul Zumthor conclama: “Cabe-nos agarrar esta chance para sabotar a empresa, mesmo que seja um pouco, jogar areia na fechadura que está sendo montada, um cano no cimento em vias de secar: que ao menos por aí nos chegue do exterior o som de uma voz” (ZUMTHOR, 2010, p. 317). Esse autor sabe da importância da transmissão oral de narrativas, experiências e saberes tradicionais em cenário de constantes ameaças a essas vozes. Por isso ele clama por atitudes, nem que sejam pequenas, para reduzir o estrago que ideias e práticas neoliberais e defensores da literatura unicamente canônica têm feito às expressões culturais vocais em todo o mundo e, de modo particular, no Brasil. Zumthor (2014) defende as vozes que guardam tesouros da tradição ou experiências singulares, como narrativas de reassentados, geralmente pouco audíveis fora do pequeno círculo comunitário e/ou familiar. O autor afirma que “Todo objeto adquire uma dimensão simbólica quando é vocalizado” (ZUMTHOR, 2014, p. 80). Então, ao evocarem fazendas e/ou comunidades, agora submersas pelas águas, os intérpretes materializaram esses lugares por meio das recordações e das vozes. E, mesmo o reassentamento Flor da Serra, antes terra desconhecida e indesejada, sobretudo no início, foi ficcionalizado nas histórias dos moradores. Ao serem narrados, tais lugares foram elevados à dimensão simbólica em “tentativa de arrancar os discursos de sua condição temporal” (ZUMTHOR, 2014, p.50) e proporcionaram algum conforto aos moradores.

Nesse embate, o intérprete e o seu corpo são fundamentais na propagação de vozes, pois “o corpo dá a medida e as dimensões do mundo” (ZUMTHOR, 2014, p. 76). O intérprete é presença ativa; “é o indivíduo de que se percebe, na performance, a voz e o gesto, pelo ouvido e pela vista” (ZUMTHOR, 2010, p. 239). Os quatorze narradores do reassentamento Flor da Serra se dispuseram como intérpretes de corpo inteiro no *hic et nunc* e traduziram, pela performance, sentimentos de alegria, tristeza, cansaço, dor, nostalgia e esperança.

Então, a conclamação de Zumthor ecoa também nos (re)assentamentos para onde essas quatorze e outras milhares de pessoas foram deslocadas de forma compulsória para atender a interesses de empresas barrageiras e governos. Para a construção de hidrelétricas são realizados estudos limitados que não contemplam a complexidade da situação das famílias atingidas (Nóbrega, 2011; Batista, 2009), sobretudo, quanto a aspectos culturais e simbólicos.

Nas três fases pré, durante e pós-deslocamento, os moradores do reassentamento Flor da Serra vivenciaram sentimentos como incerteza, promessas enganosas e/ou não cumpridas, sustos e desânimo diante da falta de água e também da terra improdutiva, além da exaustão para conseguir o mínimo de políticas públicas a que têm direito. Sem contar a dor por esforços e sonhos submersos nas águas turvas do lago, perda de entes queridos que não suportaram o novo lugar por muito tempo e também prejuízos econômicos, uma vez que já tinham uma vida estabilizada, embora modesta, onde viveram por décadas. A voz de seu Tomé ecoou profunda, enfática e verdadeira sobre o seu não lugar e sua “perdição” no reassentamento.

*Eu morava em Carreira Cumprida. Nascido e criado lá. Toda vida. [...] Pra mim foi a pior tristeza do mundo sair do lugar da gente ter nascido e criado. Foi a pior tristeza. Eu lembro até do dia que nós mudemo de lá. [...] Aí viemos bater aqui nesse lugar. Foi a maior tristeza pra mim. Aqui eu nunca aprumei aqui. Sabe por quê? Toda vida, perdido aqui. Eu fiquei perdido aqui toda vida (ROCHA, Tomé Fernandes da. 22/07/17<sup>1</sup>; grifo nosso).*

<sup>1</sup> As citações deste texto de intérpretes/moradores são trechos de entrevistas que foram realizadas em domicílios ou na escola do reassentamento Flor da Serra, município de Porto Nacional. Exceto a conversa com Ismael foi realizada em Silvanópolis-TO.

Em meio a um quase silêncio ou conversas aparentemente tímidas ou indignadas, as narrativas são relatos de dor, susto, incerteza, frustração e saudade.

*Foi um susto grande para poder acostumar. Foi um susto muito grande. Saí de lá chorando, não queria vir. (SOUZA, Nilza Carvalho de, 12/08/21)*

*Por mim não saía de lá nunca! Só pro cemitério. A Investco é que obrigou. [...] Largar tudo que está feito, pra vir e começar de novo! (SOARES, Domingos Francisco. Mais de 70 anos, 29/04/18).*

Entretanto, os moradores fizeram esforços quase sobre-humanos para adaptação no reassentamento a fim de não se sucumbirem. “*Eu tenho saudade da fazenda, mas hoje eu já me acostumei mais aqui*” (SOUZA, Nilza Carvalho de, 12/08/2021). E lutam, ininterruptamente, pela sobrevivência: [...] *Aí nós vamos comprar um plástico para fazer uma estufa para plantar alface e pimenta; de tudo nós temos. Enquanto Deus me der vida, estou lutando* (SANTOS, Maria Gomes, 12/08/21). Então, ouvir aqueles que têm algo a narrar é uma das possibilidades de as narrativas continuarem a existir na heterogeneidade de vozes que expressam a cultura da nação brasileira.

Neste trabalho de poéticas orais, tivemos a intenção de evidenciar as vozes de quatorze (14) intérpretes, reassentados que certamente fazem ecoar outras tantas que não ouvimos. Contribuir com a circulação de recordações/vozes de experiências e sentimentos, ainda que fragmentados pela corrosão do tempo, é urgente. Os moradores, ao falarem do Flor da Serra como parte relevante de suas experiências contribuem na constituição do reassentamento como um objeto cultural de memória coletiva. Mas somente o tempo poderá confirmar ou não essa que é ainda uma possibilidade. Ouvimos as manifestações de reassentados amparados por (Oliveira, 2000) que adverte sobre a importância de ouvir; Nóbrega (2011) e Batista (2009) que tratam, respectivamente, sobre deslocamentos compulsórios e o próprio reassentamento Flor da Serra; e ainda a importância de narrativas do passado como objeto de recordações do ser humano (Benjamin, 2012; Assmann, 2011; Zumthor, 2014; 2010). É preciso entender que, como sujeitos (Bakhtin, 2003), os moradores do Flor da Serra têm participado, a duras penas, da resistência em nome da vida e da atualização de objetos culturais de memória coletiva.

Os objetivos deste trabalho foram identificar expressões e experiências culturais tradicionais de reassentados acerca dos lugares de origem, como também do início do reassentamento; além de registrar, transcrever, descrever e compreender textos coletados para possível edição de uma antologia narrativa.

## Reassentamento Flor da Serra

Situado no município de Porto Nacional, o reassentamento Flor da Serra foi formado por pessoas deslocadas, oriundas de vários municípios, como Porto Nacional e Brejinho de Nazaré, de maneira compulsória, para dar lugar à usina hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães. Das quarenta e nove famílias instaladas nesse espaço, inicialmente, inúmeras delas não se conheciam. Embora muitas já morassem na zona rural, vieram de realidades e lugares distintos. Elas tinham contato com a terra próxima ao rio Tocantins, motivo pelo qual foram obrigadas a sair do lugar onde estavam vivendo havia décadas.

Expressões culturais e simbólicas em forma de narrativas (repertório) que moradores têm na memória sobre a terra de origem e acerca da formação do grupo social no reassentamento são relevantes para os envolvidos em relação à própria identidade. É importante também para pesquisadores que abordam o tema. Inclusive, ao recordar a maneira *como* e *por quem* o reassentamento foi inicialmente constituído pode ser uma provocação para que os moradores se sintam pertencentes a esse lugar que exige novas maneiras de lidar com as referências simbólicas e identitárias, como o jeito de manejar a terra, por exemplo.

Sobre deslocamento compulsório, segundo Batista (2009), há números elevados de pessoas deslocadas por vários motivos, como problema político no país de origem, guerras ou ainda por

causa da construção de grandes obras de infraestrutura, como as usinas hidrelétricas. Ela aponta o “êxodo rural que acentua problemas urbanos crônicos, ruptura da rede social, mutilação de espaços simbolicamente mapeados” (BATISTA, 2009, p. 19), como impactos nos grupos afetados que vão além da escala local. Os atingidos por barragem vivem cenário de incertezas quanto à recomposição do lugar onde se estabelecer para continuar a vida. E, mesmo que as pessoas recebam algum tipo de recompensa, não resolve a complexidade dos problemas enfrentados por quem sequer pensava em sair do local onde vivia.

A exploração energética é ancorada em um discurso desenvolvimentista para a região. Nesse sentido, congrega todos os benefícios aos interesses do capital ao custo da expropriação, do rebaixamento das condições de vida das populações que vivem nessas áreas, do desenraizamento de práticas ancestrais e de vivências culturais e sociais constituídas na prática cotidiana.

Estas grandes obras têm retirado milhares de camponeses das suas terras, moradias, atividades produtivas e convivência social. Muitos acabam se tornando sem terras, outros se marginalizam nas periferias das cidades. É deste contexto que surge a necessidade da resistência, organização e luta das populações atingidas por barragens em todo o Brasil (TRINDADE *et al*, 2005, p.12).

Esses problemas graves interferem também em questões identitárias das pessoas que são deslocadas. Conforme Hall (2004 apud BARROS-SILVA, 2019), em todos os lugares têm emergido identidades culturais em “transição” que se nutrem de diferentes tradições culturais e são frutos desses cruzamentos. Assim, a identidade não precisa ser enquadrada nas alternativas de voltar às raízes ou desaparecer por meio da assimilação. Há um outro possível em Hall. A “tradução”, termo que se refere às formações de identidades “que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal” (HALL, 2004, p.88-89). Nessa situação, elas são compelidas a negociar com os novos contextos culturais onde estão inseridas, sem a anulação completa de suas identidades. Possivelmente esse é o caso dos reassentados do Flor da Serra que saíram de distintos lugares.

Enfim, o desenvolvimento das forças produtivas e da técnica pode redefinir as identidades como também os espaços narrativos das pessoas e mediar a troca de experiências de acordo com a realidade atual. Os reassentados do Flor da Serra têm referências culturais dos lugares de origem e também do início do reagrupamento; as dificuldades enfrentadas ao se instalarem em um lugar o qual não escolheram para viver. Ouvir as recordações daqueles que têm algo a narrar e deixá-las registradas em ferramentas de memória externa são possibilidades de as narrativas não perderem definitivamente.

## Presente e passado revisitado

Memória e recordação são distintas conforme Assmann (2011). Neste trabalho, optamos pelo termo “recordações” quando nos referimos aos sentimentos expressos nas vozes de reassentados. A autora alemã diz que memória ou *ars* é ligada à arte retórica de memorização. O *mnemon* era o responsável de gravar fatos e outras informações de comunidades antigas, inclusive para efeitos jurídicos (LE GOFF, 2012). Entretanto, com a invenção do papel, da imprensa e, mais recentemente, do computador, esses e outros tantos equipamentos passaram a armazenar dados que ficam salvos do tempo e do esquecimento, por isso podem ser recuperados de forma segura e sem modificações apenas com um *click*. Já a recordação ou *vis* é potência; é intrínseca ao ser humano e passível de mudanças, de adaptações a partir do presente, da necessidade de lidar com recordações arbitrárias ou não, da corrosão do tempo e perigo de perda, distorções e esquecimentos.

Contra a erosão do tempo as estratégias da mnemotécnica não prestam grande ajuda, mas talvez as da imaginação sim. As emoções, que não se conservam nem se deixam reconstruir,

podem ser recriadas sob as condições de posteridade e, assim, revestidas da roupagem de uma segunda vivacidade, suplementar (ASSMANN, 2011, p. 124).

A recordação está ligada à identidade e, por consequência, ao repertório que cada pessoa constrói nas inter-relações sociais nos diversos âmbitos da vida por onde transita como econômico, social, cultural, religioso etc. A afirmação da autora esclarece o caráter maleável, embora ininterrupto do tempo, quando as recordações são estimuladas e estimulam a imaginação e as emoções. O tempo segue seu curso, mas as recordações podem capturar fragmentos de fatos, pessoas, emoções e outros aspectos do passado pela atualização em roupagens diferentes, de acordo com o grau de relevância para a pessoa. “Ela (a recordação) se aplica, na era da imprensa (e da internet), cada vez menos à possibilidade de resgatar o saber e cada vez mais à possibilidade de recompor os sentimentos” (ASSMANN, 2011, p.113).

Em determinada comunidade, para reconstrução de brechas do passado, no presente, “são fundamentais os portos de ancoragem, isto é, narradores singulares que, constituídos em e por determinado grupo, cultivam e transmitem recordações para outras gerações” (MEDINA e MEDINA, 2018, p.497). No processo de salvaguarda de saberes, experiências coletivas, testemunhos e conhecimentos populares, os dois tipos, *ars* e *vis*, ou memória externa e recordações, são importantes, porque se complementam. As narrativas de reassentados, no momento do registro, na apresentação voco-performativa singular do intérprete (ZUMTHOR, 2014) se constitui *vis*, ou seja, é latência, emoção e sentimento; muita subjetividade. Após tais vozes serem gravadas e transpostas para a escrita e, nessa condição, forem armazenadas em computador e em antologia impressa, por exemplo, são consideradas memória externa ou *ars*. E, quando as narrativas forem lidas, ou seja, atualizadas, elas poderão causar, novamente, sentimento de recordações ou *vis*. Por isso ambas precisam ter lugar garantido quando se luta pelo acervo de manifestações culturais e identitárias e sua diversidade, como vozes de reassentados. Também utilizamos o vocábulo “memória” ao tratar do objeto cultural que constitui memória coletiva (Bakhtin, 2003) ou ainda de acordo com Benjamin (2012) e Zumthor (2014; 2010) que utilizam essa palavra ou outras do mesmo âmbito semântico, como rememoração.

Cada narrador / intérprete (ZUMTHOR, 2014; 2010), na sua singularidade edificada e consolidada nas relações sociais é responsável pela constituição e atualização de objetos culturais de memória coletiva (BAKHTIN, 2003). Mas para cumprir a função de representatividade cultural, o objeto não pode ser privilégio da consciência de alguém ou apenas de uma época ou contexto, pois estará fadado a cair no esquecimento, uma vez que “Tudo o que pertence apenas ao presente morre juntamente com ele” (BAKHTIN, 2003, p.363).

As narrativas de reassentados estão inseridas, sobretudo, no âmbito cultural/artístico. E, geralmente, esses aspectos são os mais desprezados nos processos de deslocamentos por serem subjetivos ao repertório intrínseco das pessoas envolvidas. Na maioria das vezes, elas não participam das decisões das concessionárias responsáveis pelas obras e, consequência há perdas materiais e referências simbólico-culturais. Benjamin (2012) afirma que fora do ambiente de tradição de memória viva, oral, comunitária e coletiva, significativas vivências, saberes e costumes elaborados e transmitidos no passado se perdem em espaços e tempos fragmentados e/ou desconhecidos, resultando em lacunas e incompreensões do presente para muitas pessoas.

Benjamin chama a atenção para a importância de ouvir narrativas, inclusive no ambiente de trabalho manual, para entreter e construir redes de relações humanas, como “forma artesanal de comunicação” (BENJAMIN, 2012, p.221). Ele insiste na íntima e produtiva relação entre narrador e narrativa, como a proximidade entre o oleiro e a argila que torna a obra única, com a assinatura singular de determinado artesão. E ambos, narrador e narrativa, pertencem ao âmbito artesanal que constitui a tradição justamente pela paciência da sucessão ou repetição das narrações. -

As repetições ou atualizações constantes podem tornar as vozes objetos culturais de memória coletiva e, para isso, elas precisam ser relevantes para o grupo na sua essência simbólica e identitária. Embora seja atualizada/regenerada e conservada por pessoas, a memória coletiva se perpetua no objeto cultural que atravessa gerações, se torna atemporal e se constitui tradição. Mas é nas relações sociais e responsivas dos sujeitos que está a esperança de conservação e revitalização

de objetos culturais de memória coletiva. Como a festa do Divino que, frequentemente repetida/atualizada na terra de origem, foi retomada e revitalizada no reassentamento Flor da Serra; ou ainda os festejos de Santo Reis que voltaram a ser celebrados. Esses objetos culturais de memória coletiva precisam de fiéis/intérpretes para se perpetuarem na circulação em contextos espaço-temporais concretos, mas não pertencem a nenhuma pessoa em particular, por isso se constituem memória coletiva. “A experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorreram todos os narradores” (BENJAMIN, 2012, p.214).

O reassentamento, ao se tornar fonte de narrações repetidas pelos moradores pode se constituir objeto cultural de memória coletiva. Mas para isso serão necessários reiterabilidade e reconhecimento que, segundo Zumthor (2014), são elementos que confluem na performance e nos quais a comunidade se reconhece; e não apenas nas falas de um ou outro morador. Ou seja, será necessário distanciamento no tempo para saber se o reassentamento resistirá como linguagem e recordação para gerações vindouras. As narrativas registradas, impressas e divulgadas podem colaborar nessa construção.

## Metodologia

Este trabalho de caráter qualitativo teve como abordagem a combinação história ou relatos de vida e observação na vida real nas sete viagens realizadas ao reassentamento Flor da Serra. Segundo Chizzoti (2008, p.95), “a história de vida é um instrumento de pesquisa que privilegia a coleta de informações contidas na vida pessoal de um ou vários informantes”, no ambiente real. O autor destaca a proximidade do pesquisador com o contexto onde ocorre o fenômeno de interesse e a possibilidade de observar a perspectiva e o ponto de vista dos atores observados. Também foi utilizada entrevista semiestruturada para registro com os intérpretes. Thompson (1992) adverte que a entrevista deve ter equilíbrio: não pode ser rígida demais a ponto de precisar interromper o informante e obrigá-lo a ajustar as informações objetivas desejadas. Mas tampouco “a entrevista completamente livre não pode existir”, pois o entrevistado facilmente poderia se perder em informações sem relevância. Oliveira (2000), que destaca a bagagem teórica do pesquisador frente ao sujeito de pesquisa, e a resolução 510/16, de 07/04/16 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016), sobre ética nas Ciências Humanas, serviram como pilares em relação à responsabilidade no processo de contato com os moradores do reassentamento e manuseio dos dados. Ciacchi (2010) complementa que a descrição social do “outro” passa pela atitude de escutá-lo, de erguê-lo à condição de sujeito que fala e que lembra o que lhe foi transmitido. Além disso, o uso do caderno de anotações de campo foi relevante durante as visitas realizadas e em todo o processo de pesquisa para anotar aspectos observados que contribuíram para o entendimento de falas dos narradores/intérpretes.

Entretanto, parodiando o poeta Carlos Drummond de Andrade, no meio do caminho tinha uma pandemia que, se não interrompeu, reduziu o número de registros. Da amostragem inicialmente proposta de cinquenta (50) moradores, foram concluídos quatorze (14) registros dos quais seis informantes são do gênero feminino e oito, do masculino. Antes da pandemia, foram realizadas cinco (05) visitas ao reassentamento, das quais resultaram oito (08) entrevistados. Duas vezes passamos o fim de semana no Flor da Serra com o objetivo de reunir a comunidade para contação de histórias e registros coletivos, mas os adultos não compareceram. Assim, percebemos que as entrevistas deveriam ser realizadas individualmente; então, visitamos os moradores nas suas casas e na escola. No espaço doméstico, fomos bem acolhidos e vários familiares acompanharam a conversa do intérprete. Os registros foram realizados com gravadores de celulares dos pesquisadores. Inclusive, ouvimos dois moradores em datas distintas pelo gosto e prazer que eles demonstraram em conversar sobre o assunto.

No ano de 2020 seriam intensificadas as visitas para a realização do trabalho prático *in loco* e individual. No entanto, a primeira restrição estadual<sup>2</sup> por causa da Covid-19 impediu deslocamentos/visitas. E, em um momento de menor restrição, visitamos brevemente a comunidade para combinar visitas e registros. Logo depois, aumentaram as restrições, novamente, e não pudemos cumprir

2 TOCANTINS. Decreto no 6.070, de 18 de março de 2020.

o combinado. Assim, a única opção foi aguardar. Uma intérprete abordou acerca da Covid-19 no momento da entrevista.

A pandemia foi uma história que marcou muito a vida da gente: o distanciamento, o afastamento, a gente não poder ver as pessoas queridas da gente. Não poder receber ninguém em casa, isso foi muito triste também. E ficou marcante na vida de todo mundo. Aqui no reassentamento ninguém pode visitar ninguém (SOUZA, Nilza Carvalho de, 12/08/21).

Passados vários meses de emergência sanitária<sup>3</sup>, e reduzida a restrição de isolamento, no estado<sup>4</sup>, no segundo semestre de 2021, conseguimos retornar ao Flor da Serra mais uma vez e gravamos os registros de cinco moradores que aceitaram conversar conosco. Nas duas visitas realizadas no período de pandemia, redobramos os cuidados para evitar riscos aos participantes (RES.510/2016). Ficamos atentas para que as pessoas se sentissem confortáveis durante a fala, após esclarecimentos do projeto e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Obedecemos aos protocolos sanitários recomendados como uso de máscara e álcool 70%, frequente lavagem de mãos e distanciamento físico. Conversamos com o mínimo de pessoas e sempre no espaço externo da casa, de forma a respeitar dois metros de distância entre indivíduos.

Nessa visita, três intérpretes/informantes, por serem funcionários municipais, estavam na unidade escolar do reassentamento – Escola Municipal Carmencita Matos Maia, que continuava a funcionar remotamente para os alunos. Na gravação de registros dos três, cada um no seu turno, colocamos uma pequena mesa no centro para apoiar o celular-gravador e uma cadeira próxima para o entrevistado sentar. E as duas pesquisadoras sentamos em cadeiras mais afastadas. Durante as conversas, permanecemos ao ar livre, no pátio escolar. Já para gravar as vozes das outras duas intérpretes, mãe e filha, fomos à casa delas e ficamos no espaço externo. O celular-gravador foi colocado em uma cadeira próxima onde cada uma estava sentada e nós, pesquisadoras, nos sentamos afastadas, embora em interação com elas.

Então, no total, foram realizadas sete (07) visitas ao reassentamento Flor da Serra das quais resultaram treze (13) pessoas entrevistadas. Por último, no dia 14 de abril de 2022, em viagem a Silvanópolis, conseguimos conversar com um dos primeiros moradores do Flor da Serra, que não vive no reassentamento, porque trabalha de maneira sazonal na região. O tempo total de gravação foi 7h24min.

Nas performances durante os registros, os intérpretes demonstraram momentos de euforia e também de frustração e tristeza, dependendo do assunto abordado. Uns falaram com poucas interrupções, sobretudo em relação à terra de origem. E, acerca da realidade sofrida e negativa do início do Flor da Serra, houve algumas pausas e olhares buscando confirmação do que estavam abordando. Alguns precisaram retomar o assunto esquecido o que é normal quando se trata de recordações, ligadas ao esquecimento. Dois entrevistados fizeram digressões e precisamos retomar as perguntas do tema proposto.

Os registros em áudio foram transcritos de acordo com as orientações de Fávero (2000) e Manzini (2008). Essa não foi tarefa fácil, sobretudo, no começo, pela falta de familiaridade com as peculiaridades de vozes de pessoas idosas, embora a maioria dos transcritores estivessem presentes no momento do registro, conforme orienta Manzini (2008). Para o autor, a transcrição configura uma experiência de pré-análise do material de pesquisa. Logo, há preferência de que as funções de entrevistador, pesquisador e transcritor sejam exercidas pela mesma pessoa, visto que os estímulos ambientais, contexto social e expressões não verbais podem interferir no material coletado durante o processo de transcrição. Ficamos atentas a essa recomendação e os transcritores estavam presentes nos distintos momentos de registros e interagiram com os moradores. Mesmo assim, houve dificuldades, por exemplo, de compreender determinados pontos da fala de algum entrevistado devido a características de dicção e a presença de interferências externas e/ou sobreposição de vozes de outras pessoas (da família) que estavam presentes no local. Nesses casos,

3 TOCANTINS. Decreto no 6.222, de 26 de fevereiro de 2021.

4 TOCANTINS. Decreto no 6.297, de 06 de agosto de 2021.

lançamos mão das recomendações normativas dos especialistas citados. Também recorreremos às anotações no caderno de campo.

Vale ressaltar que a pesquisa foca temas/assuntos abordados e não particularidades linguísticas dos moradores. Então, nas transcrições, priorizamos o discurso verbal, por isso relatos dos intérpretes foram transcritos de acordo com as normas da linguagem escrita. Isso caracteriza uma transcrição mais seletiva, pois o foco do trabalho são as recordações dos reassentados sobre a terra de origem e os primeiros movimentos e contatos no Flor da Serra. Assim, abolimos elementos de texto oral como repetições, pausas, ênfases, particularidades individuais de fala, sobreposições, correções e elementos extralinguísticos. Além disso, tópicos do mesmo assunto que estavam dispersos pelo texto foram reorganizados a fim de que o leitor tenha uma sequência narrativa, seja em fragmentos citados neste artigo, seja na antologia organizada para a comunidade. Temos consciência de que, mesmo se fosse realizada transcrição fiel a todos os aspectos, o processo de transpor da oralidade para a escrita é limitado; a escrita não dá conta da totalidade da fala com suas particularidades performáticas. Os registros, quando transcritos, perdem o contexto, o aqui e agora, como também o aspecto emocional dos moradores, sobretudo, quando se manifestaram sobre o deslocamento compulsório. Afinal, esse fato abalou de forma significativa a vida dos reassentados.

Após transcrição e arquivamento em pastas digitais, as narrativas foram lidas e relidas a fim de destacar temas/assuntos mais abordados ou pouco citados pelos moradores: a terra de origem, ou seja, da terra de onde eles foram deslocados (tabela 1); e sobre o início da vida no reassentamento (tabela 2). Fizemos essa seleção de acordo com o que ouvimos e vimos na comunidade ao longo do tempo que tivemos contatos com os moradores. Tais tópicos foram organizados em duas tabelas, conforme a seguir.

**Tabela 1.** Temas abordados com mais frequência sobre a terra de origem

	Temas/assuntos abordados	No. de vezes
1	A abundância de água e hábito de pescar	14
2	Trabalho na roça e/ou com horta, na vazante	14
3	Festas religiosas	10
4	A terra era propriedade da família	07
5	O deslocamento foi obrigatório	06
6	Contação de história como hábito	04
7	Travessia do rio para a cidade como dificuldade	03
8	Realização de mutirão	03
9	O rio como espaço para brincadeiras	02
10	Hábito de caçar	01
11	Fabricação de artesanato – pote	01
12	A felicidade no modo simples de viver	01
	Total de narradores/intérpretes	14

**Fonte:** Elaboração própria, 2022.



**Tabela 2.** Temas abordados com mais frequência sobre o reassentamento

	Temas/assuntos abordados	No. de vezes
1	Dificuldades para plantar/escassez de água	11
2	Reassentamento como terra desconhecida	09
3	Festas realizadas na comunidade	09
4	Dispersão de parentes e/ou amigos	05
5	Aquisição de trator para a comunidade	04
6	Frustração com a plantação coletiva de soja	03
7	Realização de reuniões	03
8	Adaptação no reassentamento	01
9	Necessidade de organização para conquistas coletivas (políticas públicas e outros)	01
	Total de narradores/intérpretes	14

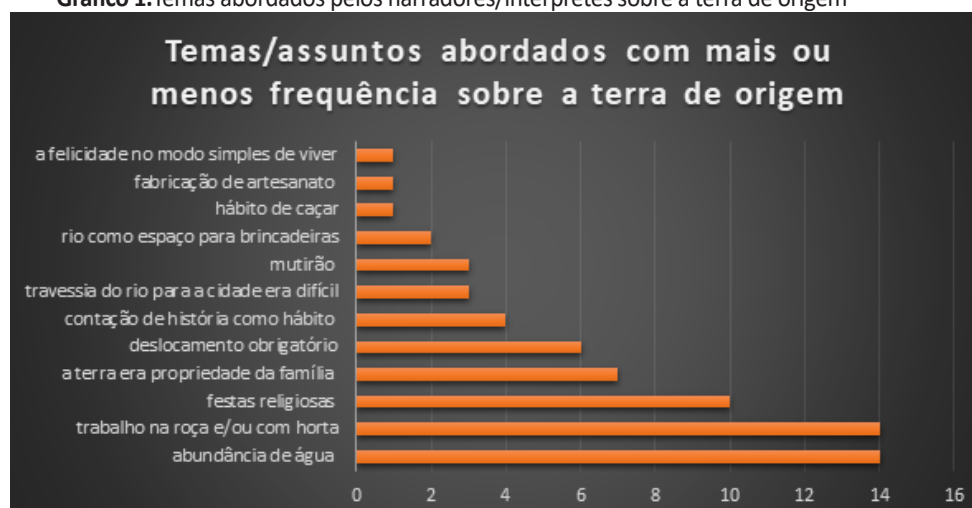
Fonte: Elaboração própria, 2022.

## Resultados e discussão

Tivemos contatos com moradores por meio de conversas individuais e em grupos familiares, como também por observações, em momentos aleatórios ou quando estávamos registrando. Tais contatos nos possibilitaram conhecer um pouco a situação vivenciada pelas quatorze pessoas que nos permitiram registrar depoimentos. Elas foram obrigadas a sair do lugar onde moravam, mesmo que não tivessem intenção de mudar-se, e passaram a viver em uma comunidade até então desconhecida, com pessoas desconhecidas também.

Os gráficos a seguir apresentam os aspectos mais abordados e alguns que foram pouco mencionados pelos moradores, mas igualmente relevantes.

**Gráfico 1.** Temas abordados pelos narradores/intérpretes sobre a terra de origem



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Ao comentar sobre a terra de origem, os quatorze (14) intérpretes (100%), moradores do Flor da Serra, falaram das fazendas e/ou comunidades onde viviam como espaços de abundância: de água, peixes, grãos, legumes e verduras, além de frutos do Cerrado. Praticamente todos eles eram ribeirinhos e tinham uma intensa vivência com e no rio Tocantins ou afluentes onde aprenderam a nadar, a lidar com canoa e a pescar. *“Eu gostava do rio demais. Tenho sentimento de querer voltar. Nem gosto de voltar lá para ver o rio”* (OLIVEIRA, Gustavo Carneiro de, 23/07/17). Um dos prazeres

rotineiros era buscar o peixe no rio (jaú, cachorra, piabanha e/ou caranha) e consumi-lo fresquinho. *“Pescava demais, quase todo dia de noite ia pescar meu jaú. Só não era pra vender né, era pra comer. [...] você comia o peixe que você queria. Era só buscar no rio (ROCHA, Tomé Fernandes da, 22/07/17).* Ismael resume as falas: *O que sinto mais saudade é da simplicidade de onde nós morávamos, antes de ir para o reassentamento. A gente não tinha energia, a casa era de palha, mas a gente era feliz. (BOAVENTURA, Ismael Gomes, 14/04/22).*

Esse foi um dos assuntos tratados com mais prazer pelos intérpretes e o aspecto performático em destaque foi a entonação de voz que sugeria entusiasmo para falar. Lourival Costa Xavier se revestiu de poesia ao expressar de forma imagética e com beleza estética seus contatos com peixes coloridos que *brilhavam na água como ouro* e a convicção de pertencimento recíproco com o rio de águas transparentes e os meninos “atentados” (espertos e curiosos) da fazenda Landi. A aproximação das máquinas e de grandes correntes os fizeram sentar e chorar diante de tentativas frustradas de impedir a destruição do córrego Landi e outros espaços que eles amavam. *“Nós não queríamos que eles (operários da Investco) chegassem perto do corguinho e nem derrubassem os pés de manga” (COSTA XAVIER, Lourival, 23/07/17).*

Já Gustavo, com humor peculiar, falou dos aprendizados com o pai e os tios na arte de manejar a canoa e singrar o rio em busca de um peixe grande. Também enfatizou a resistência e conforto em tornar o rio sua casa primeira, na fazenda Carreira Cumprida. Lourival Pinto Xavier, com satisfação na voz e no olhar, viu-se novamente menino de oito anos, junto a seus primos de doze, na ansiedade de pegar o primeiro filhote, peixe de água doce. *“[...] Éramos pequenos, mas ficamos ansiosos vendo a água alvejar e o tamanho daquele peixe, assim. A gente queria ver aquele peixe do lado de fora. [...] Quando foi tentar colocar na canoa, o peixe alagou a canoa” (PINTO XAVIER, Lourival, 23/07/21).* Maria recordou a habilidade que o pai tinha de ir *“lá, jogava a isca e pegava cada barbado, moela, pacu, landina; tudo você pegava para comer na hora, fresquinho” (SANTOS, Maria Gomes, 12/08/21).* Já Deusimar recordou os grandes lajedos que havia do outro lado do rio onde ela estendia roupas, enquanto a meninada se divertia ao pescar e tomar banho. Elayne reforçou a fala da mãe: *“A gente ia pela manhã e só voltava à tarde, era uma diversão só; brincava dentro da água” (CARVALHO, Elayne Gomes, 12/08/21).* E Ismael complementou para a família: *Eu pescava muito, viche! Todo fim de semana que estava lá, eu pegava um mandi goela. Eu, mais meu sogro, meus cunhados (BOAVENTURA, Ismael Gomes, 14/04/22).*

Seu Tomé e seu Domingos, anciãos, pareceram se rejuvenescer com as recordações. O primeiro, falou firme e entusiasmado das constantes pescarias, da abundância de peixes que *“era só buscar no rio”* e do dia em que não estava disposto a pescar, mas o compadre o convenceu a ir e, segundo seu Tomé, *“foi o dia que tive mais sorte na pescada. Ainda peguei doze caranhas e um jaú e uma piabanha. E ele pegou treze caranhas e um jaú e uma cachorra” (ROCHA, Tomé Fernandes da, 22/07/17).* Quanto a seu Domingos, com voz compassada, recordou o hábito que tinha de descansar da labuta da roça, pescando. *“Todo ano nós arrumávamos umas seis canoas e caía fora! Só pra divertir mesmo”* e revelou-se conhecedor do rio e dos hábitos dos peixes, da importância da espera para a fisgada certa e do fogo já preparado para assar o peixe. Mas, com voz embargada, triste e quase silenciosa, além de meio desconfiado, reclamou que o rio, antes normal, passara por transformações e, *“então, acabou toda alegria. [...] A água tomou conta do mundo todo [...]. Aqui, se quiser comer um peixe, tem que comprar” (SOARES, Domingos Francisco, 29/04/18).*

Com o foco em pescarias, apenas um morador, que revelou ter medo de água do rio, comentou acerca da prática de caçar, embora em conversas fortuitas entendemos que vários deles caçavam para o consumo. *“Eu gostava de caçar de noite, tinha uns cachorros bons pra caçar, matava uns tatus até de manhã cedo (REIS, Rosalino Dias dos, 22/07/17).* Essa escassez de falas sobre caça nos subtraiu de possíveis histórias de caçadores que, geralmente, misturam o real, o sobrenatural e/ou imaginário. Na terra de origem, contar histórias era um costume agradável para 6,3% dos moradores. Para seu Domingos, *“Era só mesmo pra divertir e encurtar a noite, porque não tinha televisão, tinha algum rádio, era alguma pessoa que tinha rádio. Mas a diversão era essa, né?” (SOARES, Domingos Francisco, 29/04/18).* Já Elayne afirmou que *“Sentavam os coleguinhas, ia contar história, falar a história que a vó já contou pra gente” (CARVALHO, Elayne Gomes de, 12/08/21).* Por isso ela se sentiu sem chão quando, após uma viagem, retornou à chácara da família e a árvore sob a qual ela e as demais crianças se sentavam para ouvir e contar histórias estava

tombada em um amontoado de terra remexida pelos tratores. Aquele era o momento de deixar o lugar querido que, em breve, seria ocupado pelas águas.

Além de ribeirinhos, os moradores eram agricultores e labutavam com roça de toco e plantações na vazante. Assim, ao longo do tempo e, a partir de necessidades cotidianas, eles desenvolveram práticas culturais peculiares e identitárias dos grupos familiares. No local onde moravam, a terra era fértil e não precisava de complemento para produzir o que plantavam. Todos eles (100%) recordaram a variedade de produtos que tinham sempre à disposição e permitiam fartura na mesa e alimentação balanceada. *“Lá era uma terra fértil, a gente produzia no verão e no inverno. [...] nós não conhecíamos necessidade. Se queria uma laranja, ia no pé e pegava; se queria uma lima, ia no pé e pegava. Queria comer tomate ou milho, ia na vazante e pegava. Não tinha produto químico e a gente vivia uma vida saudável”* (Pinto Xavier Lourival, 23/07/17). E tudo era produzido de maneira orgânica. *“Lá a gente nunca mexeu com veneno, não; precisava apenas da enxada, mesmo”,* conforme afirmou Gustavo. Maria Gomes explicou que, *“Quando o rio enchia, comia tudo (ficava submerso). E quando ele saía (esvaziava), você plantava e tinha de tudo. Deus já mandava o adubo. Vinha tudo adubado. Lá era bom demais. Tudo o que plantava você tinha. [...] Plantava feijão, abóbora, quiabo, maxixe, mangaba, oiti”* (SANTOS, Maria Gomes, 12/08/21).

Os rios cheios, em período chuvoso, era motivo de brincadeiras para as crianças e dificuldades para os adultos. Mais uma vez, Lourival encheu palavras de poesia: *“Na nossa comunidade, na época do inverno, todos os rios inchavam de água, muita água. E no meio dos varjões iam brotando umas cachoeirinhas que a erosão vinha e abria estrada para o rio. [...] Nossa diversão era pular naquelas erosões”* (COSTA XAVIER, Lourival, 23/07/17). Entretanto, para os adultos, atravessar os córregos cheios, na época chuvosa, para vender ou comprar algum produto, na cidade, foi apontado como dificuldade por 4,76% intérpretes em relação à terra onde viviam. *“A única coisa que era mais complicado para nós lá era só a vinda para o Porto (Nacional), porque quando era no inverno, os córregos invadiam as passagens tudo, era muito difícil para nós ir na cidade”* (SOARES, Domingos Francisco, 29/04/18). Inclusive Joaquina, a única intérprete que se revelou como artesã, fabricava potes de barro de vários tamanhos e formas. Ela aprendeu o ofício com uma cunhada e chegou a fabricar duzentos potes de uma vez. As peças, vendidas na feira de Porto Nacional, eram transportadas com sacrifício, sobretudo, em tempo de chuva. *“Carregava de canoa para a feira de Porto (Nacional). Tinha os compradores que compravam tudo”* (OLIVEIRA, Joaquina Carneiro de, 22/07/17).

Já o sucesso na roça foi, para 4,76% deles, consequência do trabalho em mutirão que era comum na terra de origem, principalmente nas fazendas de propriedades familiares. Essa prática é antiga em comunidades rurais e, ao realizá-la com frequência, os agricultores revitalizavam e fortaleciam o mutirão como um objeto de memória coletiva (BAKHTIN, 2003). Seu Domingos e Tomé se complementaram na exposição de como era realizado mutirão, em dois lugares distintos.

*Lá (fazenda Landi), nós trabalhávamos juntos, porque lá era irmão, sobrinho, neto. Era todo mundo embolado. Nós derrubávamos a roça e plantava todo mundo junto; e era separado assim: cada quem tinha o seu, né? Mas nós trabalhávamos juntos* (SOARES, Domingos Francisco, 29/04/18).

*Lá donde eu morava (fazenda Carreira Cumprida), eu trabalhava de mutirão. Ajuntava assim, doze, dez homens iam pra roça de um. Se fosse pra capinar, capinava, deixava limpo e ia pra roça doutro, limpava; era assim [...]. Quando terminava, os que iam, por exemplo, na minha casa, fazia na minha roça um mutirão, aí eu dava o almoço pra todo mundo almoçar; de noite era o forró, dançava. E no outro dia já foi o fim de semana, parava e quando foi no outro dia já era pra roça de outro e dava comida e forró de novo. E era assim* (ROCHA, Tomé Fernandes da, 22/07/17).

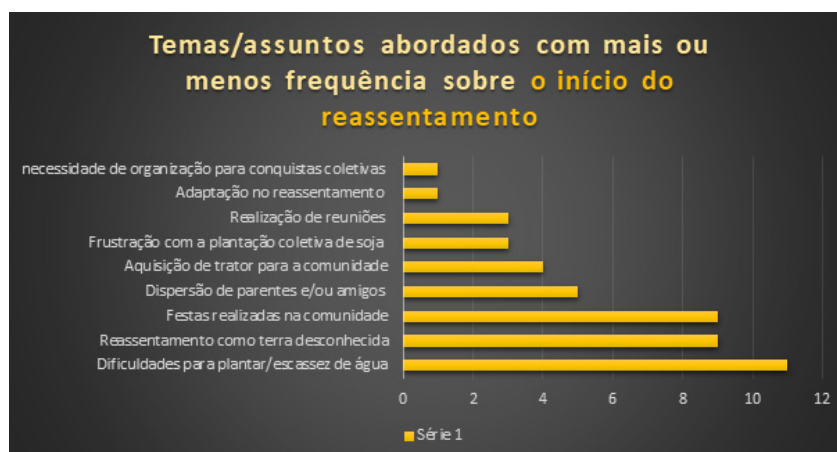
Se o mutirão, além de trabalho, era motivo de confraternização e entretenimento, as festas religiosas também eram atualizadas na terra de origem como tradição, pela reiterabilidade

e reconhecimento coletivo (ZUMTHOR, 2014). Esse foi outro assunto abordado com seriedade e entusiasmo por 20% dos intérpretes. Havia festa de São Francisco, em Ipueiras (Nilza); de São Domingos, em Pinheirópolis (Deusimar); de Santo Reis (Maria Gomes). E a mais citada foi a festa/folia do Divino que ocorre em vários lugares da região. Dona Maria Xavier afirmou que *“a folia todo o ano pousava na nossa casa. Aí nós fazíamos aquela despezona e a folia, eles jantavam, lanchavam de manhã, almoçavam e, quando era noite, tinha a sússia. E aí todo mundo ia dançar ((burucutu, burucutu...)). [...] Todo mundo aprendeu a dançar sússia (XAVIER, Maria Pinto, 29/04/18)*. Na família de Dona Maria, a festa do Divino foi passada de pai para filho. Lourival Pinto Xavier e Lourival Costa Xavier, respectivamente filho e neto de Dona Maria, com ênfase e fervor fizeram uma performance explicativa da festa do Divino (Medina e Murilo, 2019) a partir da bandeira que estava sob a guarda da família. Todos se emocionaram quando Lourival ergueu e fez tremular a bandeira vermelha que exibe uma pomba branca no centro e as fitas costuradas pelos devotos que tiveram suas preces atendidas. Ficou evidente a latência das recordações dos intérpretes acerca da festa religiosa e a relevância que tais manifestações religiosas e populares **têm na** cultura identitária dessas pessoas como memória coletiva. A respeito do assunto, Bakhtin (2003) afirma:

As tradições culturais e literárias (inclusive as mais antigas) se conservam e vivem não na memória individual e subjetiva de um homem isolado em algum “psiquismo” coletivo, mas nas formas subjetivas da própria cultura (inclusive nas formas linguísticas e verbais), e nesse sentido elas são intersubjetivas e interindividuais (consequentemente, também sociais) (BAKHTIN, 2003, p.379; aspas e parênteses do autor).

Essa terra abençoada era de propriedade da família para 14% dos intérpretes que não tinham intenção de mudar-se para outro lugar. E os demais, embora morassem em terra alheia, gostavam de onde viviam. Então, a ida para o reassentamento não foi decisão pessoal. Dos moradores entrevistados, 9,52% falaram explicitamente que foram obrigados a ir para o Flor da Serra, espaço determinado pela empresa responsável pelo consórcio da usina hidrelétrica. A respeito disso, Elayne afirmou: *“Quando eu tinha uns 10 anos eu fiquei sabendo. Eu lembro que foi um pessoal lá falando que ia ser construído (um lago) devido à barragem. [...] Falaram que nós teríamos que sair, largar aquela chácara e ir pra um outro lugar, mas não sabia que era o assentamento” (CARVALHO, Elayne Gomes, 12/08/21)*. E Antônio Marcos reforçou: *“Eu sou ribeirinho, morava na região de Porto Nacional. [...] Viemos para cá, mas não foi uma escolha nossa” (SILVA, Antônio Marcos Ferreira da, 12/08/21)*.

**Gráfico 2.** Temas abordados pelos narradores/intérpretes sobre o início do reassentamento



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Sobre o início do reassentamento, com razão, os intérpretes não conseguiram a mesma firmeza e alegria que demonstraram ao falar da terra de origem, embora os assuntos tenham sido

tratados em uma única entrevista. As manifestações focaram sofrimentos, frustrações e perdas. Para 20,93%, o Flor da Serra era terra desconhecida. Esses foram os sentimentos mais latentes nas recordações cujas performances evidenciaram um certo “peso” na voz, indignada de alguns e resignada de outros, e também no corpo dos intérpretes. Foi muito impactante ouvi-los descrever o lugar como prisão: *“Quando cheguei no reassentamento, me senti um prisioneiro (BOAVENTURA, Ismael Gomes, 14/04/22)* e lugar desértico: *“Quando chegamos aqui, não tinha um pé de planta; parecia deserto” (XAVIER, Maria Pinto, 29/04/18)*. A terra, remexida por tratores, evidenciava a luminosidade do sol e aumentava o calor e os fizeram questionar se suportariam tão grande desafio. *“Quando cheguei e vi a situação, eu falei: nós vamos sofrer demais. Começar outra vida. [...] No início, eu pensei que não ia aguentar isso aqui. Olhava e via só o desmatadão aí. Não tinha nada, nada” (PINTO XAVIER, Lourival, 23/07/17)*. Para eles foi um susto chegar a esse espaço onde iriam viver. Além da ausência de árvores que amenizassem o calor, a presença de muriçocas incomodava, aumentava o sofrimento e desassossego. Nessa terra desconhecida, houve quem não conseguisse traduzir o sentimento; apenas silenciou e, por fim, adoeceu. Foi o que aconteceu com o pai de Maria Gomes. *“Ao chegar no reassentamento foi muito ruim pra mim. Meus pais também não gostaram. Meu pai adoeceu e encabulou. E dessa encabulação ele se foi/morreu” (SANTOS, Maria Gomes dos, 12/08/21)*. Ao falar sobre o assunto, ela foi gradativamente abaixando a cabeça e a voz, em expressão performática de dor, indescritível por palavras.

Para eles, foi difícil lidar com o desconhecimento do lugar e das pessoas que eram estranhas entre si e, de repente, se tornaram vizinhas. *“Aqui tem pessoas que vieram de vários lugares, éramos estranhos uns para os outros” (PINTO XAVIER, Lourival, 23/07/17)*. Como fariam, então, para continuar e atualizar tradições e práticas culturais construídas naturalmente, passo a passo, com vizinhos e parentes em outras terras? Antônio Marcos, que chegou em plena juventude ao reassentamento, descreveu: *“A minha primeira visão daqui era triste. [...] Foi complicado para a gente se adaptar, porque novas experiências, novas pessoas para conhecer” (SILVA, Antônio Marcos Ferreira da, 12/08/21)*. Lourival, que ainda menino conhecia todos os rincões da fazenda Landi, onde trilhava com o avô Domingos, traduziu sua angústia de criança recém-chegada ao Flor da Serra: *“A gente chegou numa terra desconhecida, pois não sabia qual animal andava por aqui” (COSTA XAVIER, Lourival, 23/07/17)*.

Outro aspecto muito forte manifestado nas vozes de 11,63% dos reassentados ouvidos foi a dispersão de parentes e amigos que, igualmente atingidos, foram encaminhados para lugares diferentes. Uns preferiram morar na cidade, enquanto outros seguiram para distintos assentamentos construídos na região a fim de receber os atingidos pela construção da hidrelétrica. *“Separou das pessoas com quem a gente vivia [...]. Os amigos da gente se espalharam, porque foram para vários assentamentos. [...] Na verdade, separou tudo: separou os animais, muita coisa foi embora com a água que alagou tudo” (SILVA, Antônio Marcos Ferreira da, 12/08/21)*. As recordações revelaram que a dispersão aumentou o sofrimento de quem, antes, vivia junto aos familiares cujos laços os fortaleciam reciprocamente em práticas culturais como mutirão e festas religiosas. Alguns nunca haviam saído de perto dos pais e de outros parentes e foram obrigados a deixá-los para trás. *“Meus parentes moravam perto um do outro. Nós morávamos pertinho. [...] Depois disso (da barragem) espalhou tudo. Tem tempo que não vejo um tio meu [...]” (OLIVEIRA, Gustavo Carneiro de, 22/07/17)*.

Para aumentar o martírio, os reassentados que eram agricultores e pescadores se viram numa terra sem rio, sem vazante, sem roça de toco e, conseqüentemente, sem rumo. *Naquele momento em que chegamos no reassentamento, já em dezembro, tinha uma grande quantidade de adubo e as pessoas não tinham experiência de mexer com as matracas (plantadeiras manuais)*. E a água, embora encanada, não é contínua; então, é como se tivessem tirado o vigor que as pessoas demonstravam para o trabalho. Inúmeras falas (25,58%) revelaram esse assunto muito forte nas recordações. *“Aqui falta água e lá tinha com fartura. Os dois córregos daqui é mesmo que nada. [...] Lá tinha mangaba, tinha oiti, murici, frutas— apanhava muito; tinha de tudo e vendia. E aqui não tem nada. É só sequeidão. E falta muita água” (SANTOS, Maria Gomes dos, 12/08/21)*. Nesse cenário, como imaginar seu Domingos e seu Tomé, com mais de 70 anos, sem ter o rio e a terra fértil onde eles passavam o tempo em atividades que os faziam manter-se produtivos? *“Aqui não planto, porque se for plantar, tem que pagar trator, pagar pra gradear, tem que ter adubo. Só o adubo só tá*

um absurdo. É sete e pouco reais cada. E aí vai que o cereal não presta, aí perde o dinheiro e perde o serviço e adubo; tudo” (SOARES, Domingos Francisco, 29/04/18). E os mais jovens precisaram encontrar outras formas de sobrevivência, como tornar-se funcionários municipais ou diaristas nas fazendas situadas na redondeza, consequência da piora em termos econômicos. Antônio Marcos reforçou a fala de seu Domingos. “É muito complicado produzir aqui, porque precisa estar corrigindo o solo e gente não tem condição financeira (para adquirir insumos)” (SILVA, Antônio Marcos Ferreira da, 12/08/21). Deusimar recordou que, no início, sua família até conseguiu produzir legumes e verduras na horta em forma de mandala, uma esperança de continuidade do trabalho familiar e ótimo para a escola que recebia os produtos fresquinhos por meio do programa “Compra direta”. Contudo, a irregularidade de água na torneira os fez desistir. “Mael<sup>5</sup> vendia alface, cebolinha, coentro, beringela, cenoura, beterraba. Mael plantou muito aqui, no começo. Aí faltava água; às vezes ficava quinze, vinte dias sem água. E a água do poço, puxando de forma manual, não dava para molhar os canteiros; aí parou” (CARVALHO, Deusimar Pereira de, 12/08/21).

As dificuldades do início suscitaram reuniões para resolução de problemas, como o plantio das roças e, posteriormente, resultou na criação de uma associação. *Eu não sabia o que era o papel de liderança, não sabia o que era associação. Então, surgiu uma luz no final do túnel, porque apareceu o Movimento dos Atingidos por Barragens (BOAVENTURA, Ismael Gomes)*. Com a ajuda do MAB e o desejo de se ajertarem no lugar onde estavam, os moradores se organizaram em associação e adquiriram um trator para gradear a terra. A recordação dessa conquista foi manifestada por 6,98% dos intérpretes. Além de afirmar que participou de diversas reuniões, seu Tomé recordou como foi adquirido o trator: “Pra comprar o trator, foi juntando tudo aí. Cada um dava uma coisinha; os mais fortes davam mais, os mais fracos davam mais pouco” (ROCHA, Tomé Fernandes da, 22/07/17). E, como consequência, decidiram produzir coletivamente. “Cada um de nós investiu na terra comunitária para plantar soja. Mas essa soja nos deixou de cabeça para baixo, porque deu uma quebradeira em nós por causa do assalto” (PINTO XAVIER, Lourival, 23/07/17). A plantação de soja, comentada por 6,9% de narradores, foi uma grande frustração, porque, depois de todo o trabalho de plantio, acompanhamento, colheita e venda, os reassentados tiveram o dinheiro, o trabalho coletivo e a esperança roubados. Deusimar detalhou um pouco o que aconteceu:

*Um grupo de gente se juntou, a associação plantou soja na terra comunitária. Aí colheram, venderam. Nem sei quantos sacos colheu. Aí marcaram o dia de pegar o dinheiro. (fulano) era o tesoureiro e Mael era o presidente. Trouxeram o dinheiro do banco. Compadre (fulano) ficou com esse dinheiro na casa dele, guardado. Aí no outro dia, 9h, foi dividir o dinheiro com a associação. Quando estavam dividindo o dinheiro, os caras chegaram atirando e pegaram o dinheiro. Alguns que já tinham recebido, se salvaram do roubo. Mas outros não ficaram com nada. Só tiro. Mael foi atingido por bala e outro morador também. E o dinheiro até hoje. Foi muita agonia (CARVALHO, Deusimar Pereira de, 12/08/21).*

As famílias plantaram também arroz, de forma coletiva. Além do âmbito econômico, com o passar do tempo, sentiram necessidade de revigorar as festas religiosas e realizá-las no Flor da Serra. Sobre esse assunto, 20,93% falaram a respeito e esclareceram o quê e como ocorrem as festas, exceto no período de pandemia covid/19. Geralmente, em janeiro, é realizada a celebração de Santo Reis por determinada família; em junho, são duas festas: a de Santo Antônio e do Divino, sob a responsabilidade e organização de outros grupos familiares; em setembro, a festa de Nossa Senhora do Livramento, padroeira da comunidade, tem a igreja católica como responsável; em outubro, a festa de Nossa Senhora Aparecida é organizada por outra família. Todas essas festas religiosas podem ser precedidas ou não por giro de folia. Esses momentos unem pessoas do reassentamento Flor da Serra e de outros lugares em oração, confraternização e entretenimento, pois além de elementos religiosos, como missa, rezas e cantos, ocorrem situações consideradas da cultura popular. Por exemplo, nas folias, há rituais comandados pelos próprios organizadores, sem

5 Forma carinhosa de referir-se ao esposo, Ismael Gomes Boaventura.

a presença oficial da igreja católica, regados a abundância de comidas e bebidas, além de danças como sússia e forró, tal qual ocorriam nas comunidades anteriores. “Era festa de Divino. O Divino Pai Eterno. Todo ano, no mês de Junho. [...] Tinha uma pinguinha que eles davam pro folião. Mas era mais pra vender” (ROCHA, Tomé Fernandes da, 22/07/17). Principalmente são momentos de fortalecimento das energias e esperança em prosseguir e lidar melhor com o Flor da Serra, lugar que é todos. Além disso, há pessoas que já manifestam algum sentido de pertencimento, como afirmou Deusimar. “Só tenho a dizer que já estou acostumada e gosto muito daqui. Não sinto bem em outro lugar” (CARVALHO, Deusimar Pereira de, 12/08/21). Nilza também se sentiu agraciada, porque vive em terra própria, no reassentamento: “Eu amava muito o lugar, lá. Mas a importância melhor que tem é porque lá não era meu; lá eu trabalhava como caseira. E aqui é meu; é documentado em meu nome. Isso foi muito bom pra mim” (SOUZA, Nilza Carvalho de, 12/08/21). E, embora já exista esse sentimento positivo em alguns, Ismael chama a atenção para o desafio e necessidade de o reassentamento se unir e fortalecer, coletivamente, por meio da associação.

*As pessoas ainda não colocaram na cabeça que o coletivo é mais interessante, pois tudo o que conseguimos foi através do coletivo. Mas tem pessoas que optam pelo individualismo e é por isso que o reassentamento deixou muito a desejar. [...] É preciso reestruturar a associação, reivindicar políticas públicas que precisam na área de esporte, de lazer, de educação, saúde e produção; principalmente a produção no reassentamento. Porque ficar somente para morar, não adianta (BOAVENTURA, Ismael Gomes, 14/04/22).*

Enfim, os quatorze intérpretes do reassentamento Flor da Serra evidenciam que as recordações, conforme Assmann (2011), são potências latentes no ser humano que, acionadas e ouvidas, conseguem reconstruir e revigorar fragmentos do passado no presente.

## Considerações Finais

As manifestações dos moradores do reassentamento Flor da Serra revelam recordações mais antigas, da terra onde já estavam estabilizados em termos de práticas laborais e culturais. A “visita” a esses lugares de memória, por meio de recordações, proporcionou algum conforto aos intérpretes. Mas também revela os dissabores, problemas e enfrentamentos no início da vida coletiva no Flor da Serra. Ao atualizar/reconstruir experiências e sentimentos do passado, latentes em cada um, por meio de performances narrativas no aqui e agora, os intérpretes demonstraram que, provocadas, as recordações se materializaram em vozes. Mesmo que sejam fragmentos de lugares, pessoas, eventos e/ou fatos que se sucederam no passado. E, embora muitos aspectos tenham ficado no âmbito do esquecimento, comum no ser humano, o que foi manifestado nos impulsiona a acreditar que as pessoas continuam a ter conteúdo para narrar, sejam histórias inventadas ou vividas.

As narrativas dos reassentados revelam também objetos culturais de memória coletiva e sugerem que as gerações atuais se mantêm ligadas aos antepassados pela urgência e necessidade de vivência de saberes transmitidos nas práticas cotidianas como mutirões e, sobretudo, as festas populares religiosas. Além da alegria e responsabilidade de transmissão de tais saberes para as gerações que virão, pela necessidade de “agarrarem” a algo que represente durabilidade e não transitoriedade. Experiências, hábitos, desafios, práticas culturais em geral que se movem entre as comunidades suscitam a ideia de teia a qual se amplia quando as pessoas narram. De um lado, os intérpretes fizeram uma ode às terras onde eles moravam cuja ênfase recaiu sobre abundância, tranquilidade e segurança. De outro lado, apresentaram um canto de lamento sobre os primeiros momentos no Flor da Serra, marcados pelo desconhecimento, pelas frustrações e incertezas. Enfim, eles relevaram compreensão de que há necessidade do senso de pertencimento, uma vez que não é possível retornar às raízes nem desaparecer; mas é possível construir intersecções identitárias. E ao narrarem, os reassentados tiveram oportunidade de recompor sentimentos e colocaram o próprio reassentamento como um possível objeto de memória, na dimensão simbólica. Entretanto,

certamente há muitas histórias que esperam ser verbalizadas e que podem ampliar a rede de narrativas de reassentados que têm muito a contribuir no mosaico das poéticas orais.

## Referências

ASSMANN, Aleida. **Espaço da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Trad. Paulo Soethe. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes: 2003.

BARROS-SILVA, Marinalva do Rego. **Festas e sociabilidades nos sertões**: a rainha Nossa Senhora do Rosário. Tese de doutorado. Palmas, 2019. 245 p.

BATISTA, Eloisa Arminda Duarte. **A recomposição do modo de vida nos reassentamentos rurais do setor elétrico**: estudo comparativo entre Flor da Serra e São Francisco de Assis (Estado do Tocantins). Dissertação de mestrado. Palmas, 2009. 231 pp.

BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016. **Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: Disponível em: <http://bit.ly/2fmnKeD>. Acesso em: 08 mar. 2021.

BENJAMIN, Walter. "O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". *In: Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas, vol. I), p. 213-240.

CIACCHI, Andrea. Era uma vez a teoria: reflexões sobre antropologia e narrativas. *In: Graphos*. João Pessoa, vol.12, n. 2, p. 24-31, Dez/2010.

COMISSÃO MUNDIAL DE BARRAGENS (CMB). **Barragens e desenvolvimento**: um novo modelo para tomada de decisões - o relatório da Comissão Mundial de Barragens (Tradução de Carlos Afonso Malferrari), 2000. Disponível em: [http://www.dams.org/report/wcd\\_sumario.htm](http://www.dams.org/report/wcd_sumario.htm). Acesso em: 23 out. 2019.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. II volume. 6. ed. Tradução de Ruy Oliveira. Lisboa: Edições 70, 1982.

MANZINI, Eduardo José. Considerações sobre a transcrição de entrevistas. *In: A entrevista na pesquisa em Educação e Educação Especial*: uso e processo de análise. Livre-docência. Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP, FFC - UNESP, Brasil. 2008.

MEDINA, Maria de Fátima Rocha e MEDINA, Maria Aparecida da Rocha. Impactos de deslocamento compulsório: recordações (poéticas) de um menino. **Anais do II Congresso Internacional Línguas Culturais e Literaturas em Diálogo**: identidades silenciadas. Brasília, 16, 17 e 18/08/2018. UNB:



Câmpus Universitário Darcy Ribeiro, p.486-498. Disponível em: [https://docs.wixstatic.com/ugd/fe526a\\_9799551e49814\\_e66bbae\\_adb13548a673.pdf](https://docs.wixstatic.com/ugd/fe526a_9799551e49814_e66bbae_adb13548a673.pdf). Acesso em 22 de out.2020

MEDINA, Maria de Fátima Rocha e MORAIS, Murilo Alves de. **Festa do Divino no reassentamento Flor da Serra**: objeto de memória coletiva. Revista Humanidades e Inovação, v.6, n.12 – 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1302>. Acesso em: 28 jan. 2022.

NÓBREGA, Renata da Silva. Os atingidos por barragem: refugiados de uma guerra desconhecida. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 36, n. 19, jan./jun. 2011, p.125-143.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. 2.ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2000.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. História oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TOCANTINS. **DECRETO Nº 6.070, DE 18/03/2020**. Declara Situação de Emergência no Tocantins em razão da pandemia da COVID-19 e adota outras providências. Disponível em: <http://servicos.casacivil.to.gov.br/decretos/decreto/6070>. Acesso em: 29 set. 2021.

TOCANTINS. **DECRETO Nº 6.222, DE 26 DE FEVEREIRO DE 2021**. Estabelece medidas de enfrentamento da COVID-19 no âmbito do Estado do Tocantins, e adota outras providências. Disponível em: <http://servicos.casacivil.to.gov.br/decretos/decreto/6222>. Acesso em: 29 set. 2021.

TOCANTINS. **DECRETO Nº 6.297, DE 6 DE AGOSTO DE 2021**. Dispõe sobre medidas de enfrentamento da COVID-19 no âmbito do Estado do Tocantins, e adota outra providência. Disponível em: <http://servicos.casacivil.to.gov.br/decretos/decreto/6297>. Acesso em: 29 set. 2021.

TRINDADE, Gestine Cássia *et al.* **A educação no movimento dos atingidos por barragens**: caderno pedagógico. Tramandaí: Ísis, 2005. (Coletivo de educação)

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

A seguir, intérpretes/narradores do Flor da Serra. Exceto um, que aconteceu em Silvanópolis, todos os demais registros foram realizados no reassentamento. Em momentos distintos, teve a participação, em termos de presença e trabalho de transcrição de áudios, dos acadêmicos: Amanda Evem Sena Cristo, Ana Carla Sousa Serra, Erismar da Silva Santos Araújo, Gilson José Pereira dos Santos, Gleycielle Silva Magalhães e Murilo Alves de Moraes (Ceulp/Ulbra). Como também a colaboração de Fernanda Barros (2021). A complementação e revisão geral das transcrições foi realizada pela professora Maria de Fátima Rocha Medina.

BOAVENTURA, Ismael Gomes. **Registro realizado na cidade de Silvanópolis-TO**, em 14 de abril de 2022.

CARVALHO, Elayne Gomes. **Registro realizado no reassentamento Flor da Serra** em 12 de agosto de 2021.

COSTA XAVIER, Lourival. **Registro realizado no reassentamento Flor da Serra** em 22 julho 2017 e 28 de abril 2018.

OLIVEIRA, Joaquina Carneiro de. **Registro realizado no reassentamento Flor da Serra** em 22 julho

de 2017.

OLIVEIRA, Gustavo Carneiro de. **Registro realizado no reassentamento Flor da Serra** em 22 julho de 2017.

PINTO XAVIER, Lourival. **Registro realizado no reassentamento Flor da Serra** em 22 julho 2017 e 28 de abril de 2018.

REIS, Rosalino Dias dos. **Registro realizado no reassentamento Flor da Serra** em 22 julho de 2017.

ROCHA, Tomé Fernandes da. **Registro realizado no reassentamento Flor da Serra** em 22 julho de 2017.

SANTOS, Maria Gomes. **Registro realizado no reassentamento Flor da Serra** em 12 de agosto de 2021.

SILVA, Antônio Marcos Ferreira da. **Registro realizado no reassentamento Flor da Serra** em 12 de agosto de 2021.

SOARES, Domingos Francisco. **Registro realizado no reassentamento Flor da Serra** em 29 de abril de 2018.

SOUZA, Nilza Carvalho de. **Registro realizado no reassentamento Flor da Serra** em 12 de agosto de 2021.

XAVIER, Maria Pinto. **Registro realizado no reassentamento Flor da Serra** em 29 abril de 2018.

Recebido em 31 de julho de 2022.

Aceito em 17 de outubro de 2022.